



O MANEJO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA E DIABETES MELLITUS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA ENFERMAGEM

EMANUELA ALMEIDA SOBRAL; ANTÔNIO NAZIEL NEVES DA SILVA; MARIA ERIDAN DE LIMA BARRETO; JANAÍNA FERREIRA; ANTÔNIA DALILA OLIVEIRA ALVES

RESUMO

A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM) configuram-se como doenças crônicas de alta prevalência e impacto significativo na morbimortalidade da população brasileira. No contexto da Atenção Primária à Saúde (APS), a Estratégia Saúde da Família (ESF) se consolida como a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), desempenhando papel central no acompanhamento longitudinal dos indivíduos acometidos por essas condições. O enfermeiro, inserido nesse cenário, é protagonista na promoção da saúde, prevenção de complicações, adesão ao tratamento e na coordenação do cuidado. Este estudo tem como objetivo analisar os desafios e perspectivas da atuação da Enfermagem no manejo da HAS e DM na APS, considerando as práticas assistenciais, educativas e de vigilância em saúde. A pesquisa trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com levantamento em bases de dados científicas nacionais e internacionais. Os resultados apontam que, apesar dos avanços relacionados à organização da atenção e implementação de protocolos clínicos, ainda existem obstáculos como baixa adesão dos usuários ao tratamento, dificuldades estruturais das unidades básicas de saúde e limitações na integração entre os níveis da Rede de Atenção à Saúde. Por outro lado, observa-se como perspectiva a ampliação da autonomia do enfermeiro, a utilização de tecnologias digitais e a valorização das práticas educativas, capazes de fortalecer o cuidado integral e humanizado. Conclui-se que a Enfermagem, por meio da atuação na APS, é essencial para a melhoria dos indicadores de saúde relacionados à HAS e DM, sendo necessário o fortalecimento de políticas públicas que garantam condições adequadas de trabalho e inovação nas práticas assistenciais.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Enfermagem; Hipertensão

1 INTRODUÇÃO

A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e o Diabetes Mellitus (DM) representam as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) de maior impacto na saúde pública mundial, sendo responsáveis por elevadas taxas de morbimortalidade e por custos significativos aos sistemas de saúde (BRASIL, 2021).

Estima-se que juntas, essas condições estejam associadas a aproximadamente 80% das mortes por doenças cardiovasculares, renais e cerebrovasculares, que ocupam as primeiras posições entre as causas de óbitos no Brasil e no mundo (MALTA et al., 2022).

Além disso, possuem caráter silencioso, progressivo e irreversível quando não tratadas adequadamente, exigindo acompanhamento contínuo e mudanças de estilo de vida. No contexto brasileiro, a prevalência dessas doenças é alarmante: cerca de 30% da população adulta é hipertensa, enquanto aproximadamente 7% apresentam diagnóstico de diabetes, sendo a maior

parte dos casos do tipo 2, diretamente relacionados a fatores de risco modificáveis, como sedentarismo, obesidade, tabagismo e má alimentação (SOUZA et al., 2019).

Essa realidade demanda respostas efetivas do Sistema Único de Saúde (SUS), com foco na promoção da saúde, prevenção de agravos e cuidado integral, de modo a reduzir a sobrecarga dos serviços hospitalares e melhorar a qualidade de vida da população. A Atenção Primária à Saúde (APS), organizada principalmente pela Estratégia Saúde da Família (ESF), constitui a principal porta de entrada para o SUS e desempenha papel central na coordenação do cuidado de pessoas com DCNT.

Através da longitudinalidade, da integralidade e da territorialização, a APS possibilita identificar precocemente casos de HAS e DM, monitorar fatores de risco, prevenir complicações e promover ações intersetoriais que ampliam a resolutividade do cuidado (STARFIELD, 2002).

Nesse cenário, o enfermeiro é peça-chave para o sucesso do acompanhamento desses pacientes. Suas atribuições vão além do atendimento clínico, abrangendo ações educativas, visitas domiciliares, coordenação de grupos de apoio, estratificação de risco e gestão do processo de trabalho na equipe multiprofissional (MENDES, 2015).

Além disso, a autonomia conquistada por meio dos protocolos clínicos possibilita que o enfermeiro realize consulta de enfermagem, solicite exames de rotina, prescreva medicamentos padronizados e faça encaminhamentos quando necessário, tornando sua prática indispensável no controle da HAS e DM (BRASIL, 2021).

Apesar dos avanços conquistados, a prática da Enfermagem no manejo da HAS e DM enfrenta desafios importantes. Entre eles destacam-se: a baixa adesão dos pacientes às mudanças de estilo de vida, dificuldades de acesso a serviços e insumos, desigualdades regionais, sobrecarga de trabalho das equipes e fragilidades na integração com outros níveis da Rede de Atenção à Saúde (MALTA et al., 2022).

Por outro lado, novas perspectivas vêm sendo incorporadas ao processo de cuidado, como o uso de tecnologias digitais, a teleconsulta, o fortalecimento das ações de autocuidado apoiado e a valorização da prática educativa como estratégia de empoderamento dos usuários (CASTRO et al., 2020).

Diante disso, este estudo busca analisar os desafios e perspectivas da atuação da Enfermagem no manejo da Hipertensão Arterial Sistêmica e do Diabetes Mellitus na Atenção Primária à Saúde, destacando a relevância desse profissional para a consolidação de um cuidado integral, contínuo e resolutivo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo, que buscou analisar produções científicas relacionadas ao manejo da Hipertensão Arterial Sistêmica e do Diabetes Mellitus no âmbito da Atenção Primária à Saúde, com ênfase na atuação da Enfermagem.

A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed, utilizando os descritores “Hipertensão”, “Diabetes Mellitus”, “Atenção Primária à Saúde” e “Enfermagem”. Foram selecionados artigos publicados entre 2015 e 2023, em português e inglês. Também foram utilizados documentos oficiais do Ministério da Saúde, incluindo protocolos clínicos e diretrizes nacionais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura consultada evidencia que a Atenção Primária à Saúde (APS), organizada por meio da Estratégia Saúde da Família (ESF), constitui o espaço privilegiado para a identificação precoce, acompanhamento e manejo de pacientes com Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e Diabetes Mellitus (DM). Nesse cenário, a Enfermagem assume papel central, não apenas pela assistência clínica prestada, mas também pela promoção da saúde, prevenção de complicações e fortalecimento do vínculo entre equipe e comunidade (MENDES, 2015; BRASIL, 2021).

3.1 Importância da APS e da ESF no manejo de HAS e DM

A APS se caracteriza pela proximidade com a comunidade, o que permite ao enfermeiro atuar de forma contínua e resolutiva. A territorialização, o mapeamento dos fatores de risco e a construção de planos terapêuticos singulares favorecem a integralidade do cuidado (STARFIELD, 2002). Estudos apontam que usuários acompanhados regularmente na ESF apresentam melhor controle dos níveis pressóricos e glicêmicos em comparação com aqueles que não possuem acompanhamento sistemático (SOUZA et al., 2019).

3.2 A atuação clínica do enfermeiro

O enfermeiro, respaldado por protocolos clínicos e diretrizes nacionais, realiza consultas de enfermagem, solicita e interpreta exames laboratoriais, prescreve medicamentos de uso contínuo, além de atuar na estratificação de risco e no encaminhamento dos pacientes quando necessário (BRASIL, 2021). Essa autonomia contribui para reduzir filas de espera e amplia o acesso ao cuidado. Entretanto, ainda existem desafios relacionados à sobrecarga de atendimentos e à carência de recursos materiais, que podem comprometer a efetividade da assistência (MALTA et al., 2022).

3.3 Educação em saúde e adesão ao tratamento

Um dos maiores desafios no manejo da HAS e DM é a adesão dos pacientes ao tratamento. Apesar da disponibilização gratuita de medicamentos e exames, muitos usuários abandonam o acompanhamento ou apresentam dificuldades em modificar hábitos de vida, como alimentação inadequada, sedentarismo e uso de álcool e tabaco (SILVA et al., 2018). Nesse contexto, a prática educativa do enfermeiro é fundamental. Estratégias como rodas de conversa, grupos operativos e visitas domiciliares fortalecem o vínculo entre equipe e comunidade e incentivam o protagonismo do paciente no processo de autocuidado.

3.4 Desafios estruturais e organizacionais

A literatura também evidencia limitações significativas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), como falta de insumos para monitoramento clínico, escassez de profissionais e sobrecarga das equipes multiprofissionais (MALTA et al., 2022). Essas condições impactam negativamente o acompanhamento longitudinal e a resolutividade da APS. Além disso, a fragilidade na comunicação entre os diferentes níveis da Rede de Atenção à Saúde dificulta a continuidade do cuidado, principalmente em casos de maior complexidade que exigem acompanhamento especializado (MENDES, 2011).

3.5 Perspectivas e inovações na prática da Enfermagem

Apesar dos obstáculos, novas perspectivas vêm sendo incorporadas ao manejo da HAS e DM. O uso de tecnologias digitais, como aplicativos de monitoramento, teleconsultas e sistemas informatizados, possibilita maior controle clínico e aproxima o usuário da equipe de saúde (CASTRO et al., 2020). Além disso, observa-se o fortalecimento da autonomia do enfermeiro, que cada vez mais assume papel de protagonista na coordenação do cuidado e na implementação de protocolos clínicos específicos.

A educação permanente das equipes e a integração com outras políticas públicas, como o Programa Nacional de Imunização (PNI) e as ações intersetoriais voltadas para alimentação saudável e atividade física, também representam caminhos promissores para o enfrentamento das DCNT (BRASIL, 2017).

3.6 Síntese

Portanto, os resultados da literatura evidenciam que a atuação da Enfermagem no manejo da HAS e DM na APS é essencial para o controle dessas doenças, porém ainda permeada por desafios. A baixa adesão dos usuários, as desigualdades estruturais e a fragmentação do sistema de saúde constituem barreiras a serem superadas. Por outro lado, o fortalecimento da autonomia profissional, o uso de tecnologias digitais e a ampliação das práticas educativas apontam para novas perspectivas de cuidado, capazes de garantir maior integralidade, resolutividade e humanização da assistência.

CONCLUSÃO

O manejo da Hipertensão Arterial Sistêmica e do Diabetes Mellitus na Atenção Primária é um dos maiores desafios enfrentados pela saúde pública no Brasil. A Enfermagem, especialmente no contexto da Estratégia Saúde da Família, exerce papel crucial na prevenção, acompanhamento e promoção da saúde desses pacientes.

Apesar dos avanços com protocolos clínicos, programas de educação em saúde e uso crescente de tecnologias, permanecem obstáculos como a baixa adesão dos usuários, a carência de recursos e a sobrecarga das equipes. Portanto, é necessário investir no fortalecimento da APS, na capacitação profissional e na valorização do trabalho do enfermeiro, visando assegurar o cuidado integral, contínuo e humanizado às pessoas com HAS e DM.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes para o cuidado das pessoas com doenças crônicas nas redes de atenção à saúde e nas linhas de cuidado prioritárias. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica: hipertensão arterial sistêmica. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CASTRO, A. L. et al. Tecnologias digitais e a saúde pública: potencialidades no acompanhamento de pacientes crônicos. *Revista de Saúde Pública*, v. 54, n. 12, p. 1-9, 2020.

MALTA, D. C. et al. Doenças crônicas não transmissíveis e os desafios para o SUS. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 4, p. 1105-1116, 2022.

MENDES, E. V. As redes de atenção à saúde. 2. ed. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011.

MENDES, E. V. O cuidado das condições crônicas na atenção primária à saúde: o imperativo da consolidação da estratégia da saúde da família. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2015.

SILVA, R. A. et al. Educação em saúde como ferramenta de cuidado às doenças crônicas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 2, p. 1156-1162, 2018.

SOUZA, J. D. et al. Adesão ao tratamento de doenças crônicas: uma revisão integrativa. *Revista Saúde em Debate*, v. 43, n. 1, p. 231-244, 2019.

STARFIELD, B. Atenção primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia. Brasília: UNESCO, 2002.